

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO

LABORATÓRIO DE FORMAÇÃO GERAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Marcos Phelipe Rodrigues

O CIÚME DENTRO DO CANCIONEIRO POPULAR
BRASILEIRO

Rio de Janeiro

2012

Marcos Phelipe Rodrigues

O CIÚME DENTRO DO CANCIONEIRO POPULAR BRASILEIRO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Escola Politécnica de
Saúde Joaquim Venâncio como
requisito parcial para aprovação no
curso técnico de nível médio em
saúde com habilitação em Análises
Clínicas.

Orientador: Alexander de Carvalho

Rio de Janeiro

2012

Marcos Phelipe Rodrigues

Marcos Phelipe Rodrigues

O CIÚME DENTRO DO CANCIONEIRO POPULAR BRASILEIRO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentada à Escola Politécnica de
Saúde Joaquim Venâncio como
requisito parcial para aprovação no
curso técnico de nível médio em
saúde com habilitação em Análises
Clínicas.

Aprovado em __/__/__

BANCA EXAMINADORA

Alexander de Carvalho – Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio

Felipe Gonçalves – Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio

Grasiele Nespoli – Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio

*Dedico este Trabalho a meus pais,
Francisco e Aparecida; a meus
amigos, Weberton, Elioenai, Elias,
Jaqueline, Cintia e Luciene e ao
meu irmão, Saulo.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente eu agradeço a Deus por ter me ajudado a concluir este trabalho e também agradeço ao meu orientador, Alexander pela paciência e dedicação ao tema.

Agradeço também aos meus amigos e familiares que me ajudaram e apoiaram em todos os momentos.

RESUMO

Este trabalho terá como tema central a relação entre o ciúme e as músicas dentro do cancioneiro popular brasileiro. O ciúme será abordado tanto em seus aspectos positivos como em seus aspectos negativos. Uma análise de algumas músicas, que compreendem vários estilos, será feita com a finalidade de esclarecer como o ciúme é sentido e compreendido pelo povo brasileiro e como ele age nas relações conjugais dessa sociedade. A ferramenta utilizada para fazer a análise das músicas será, principalmente, a psicanálise, pois é uma área dentro da psicologia que estuda o assunto. Mas não será utilizada somente a psicanálise como ferramenta de análise para que não haja uma limitação e, conseqüentemente, um empobrecimento do tema.

Palavras Chave: Ciúme; música; sociedade

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	9
2- O QUE É O CIÚME.....	11
3- CIÚME É SÓ VAIDADE.....	17
4- CIÚME É O PERFUME DO AMOR.....	30
5- CONCLUSÃO.....	40
REFERÊNCIAS.....	41

1 - INTRODUÇÃO

O ciúme é um sentimento que faz parte do cotidiano das pessoas, muitas vezes é confundido até mesmo com a inveja, mas eles são bem diferenciáveis. Sentir ciúme é menos grave, socialmente, do que sentir inveja, pois o ciúme é diretamente ligado ao zelo, enquanto a inveja é ligada à falta de caráter de um indivíduo.

O ciúme pode ser entendido como uma ameaça de um rival, real ou imaginária, a um relacionamento significativo. Geralmente, indivíduos ciumentos têm em mente que o amor, o carinho e a atenção do objeto amado estarão todo para ele, mas essa ilusão se desfaz quando um terceiro adentra na relação e o ciumento vê que além dele existem outras pessoas a quem o objeto amado dedica sua atenção. O ciumento tenta acabar com todos os riscos de perda do objeto amado para um terceiro; ele começa uma batalha para que toda demonstração de amor seja para ele, ou seja, ele visa ser o centro das atenções do objeto amado.

O ciúme é um sentimento complexo e assim como outros sentimentos pode ser expresso de diversas formas. E é justamente essa complexidade do ciúme que será tema deste trabalho. Para investiga-lo, no entanto, teremos de levar em consideração seu contexto cultural. Por conta disso, elegemos a música popular brasileira para descortinar este sentimento entre os brasileiros. Isso porque uma forma muito eficiente de expressão dos sentimentos é a música.

Podem ser encontradas diversas músicas dentro do cancioneiro popular brasileiro que têm o ciúme como tema central. Neste trabalho optou-se por utilizar a música como ferramenta de abordagem do ciúme, pois não há tempo e nem espaço nesta monografia para uma abordagem mais ampla de como o brasileiro sente e entende o ciúme. A manifestação cultural de um povo diz muito sobre como ele sente e entende o mundo e, nesse caso, a manifestação mais acessível e completa é a música popular brasileira. Por isso escolheu-se a música como veículo de análise de como o brasileiro entende e sente o ciúme.

Este trabalho tem como objetivo relatar a eficiência da música na expressão dos sentimentos, em particular o ciúme, e, por conta disso, será feito um apanhado de algumas músicas do cancioneiro popular brasileiro que falem sobre o tema. Para

nos guiar, partiremos do conceito de ciúme da psicanálise, mas não nos restringiremos a ele, apenas nos valeremos dele inicialmente por considerarmos a análise psicanalista do ciúme reveladora e instigante. As músicas serão escolhidas de forma bem diversificada. Serão escolhidas músicas que irão desde um estilo mais clássico até um estilo mais atual, pois se pretende alcançar todo tipo de público e todas as classes possíveis.

No primeiro capítulo será feita uma abordagem geral do ciúme, onde ele será de acordo com a psicanálise, dividido em normal e patológico.

No segundo capítulo deste trabalho, trataremos o ciúme e sua relação direta com o narcisismo de um indivíduo e sua contraposição com o amor. Neste capítulo será observado que em pessoas que são dominadas pelo ciúme não há espaço para o amor, pois elas estão mais preocupadas com seus egos do que com seus parceiros. Procuraremos mostrar isso por meio da análise de músicas de amplo conhecimento e que, por isso, dão uma imagem mais prática e extensa do modo como nós, brasileiros, sentimos o ciúme.

Já no terceiro capítulo, em contraposição ao o segundo, o ciúme será mostrado de maneira que ele se encaixe nos relacionamentos. Será abordada a necessidade do ciúme dentro de um relacionamento conjugal, ou seja, o ciúme como o *perfume do amor*. Até que ponto o ciúme não é prejudicial dentro de um relacionamento, e até que ponto, além de não prejudicial, ele é saudável na vida a dois.

2 – O QUE É CIÚME?

Vários estudos apontam o ciúme como um sentimento normal proveniente do desejo de exclusividade do amor de determinada pessoa. A etimologia da palavra ciúme é originária do latim *zelumem* ou, ainda, do grego *zelosus*. As suas origens remetem ao significado *zelos*, o qual significa fervor, calor, ardor ou intenso desejo. Segundo a definição oficial apresentada no Novo Dicionário Aurélio, entende-se por ciúme:

1. Sentimento doloroso que as exigências de um amor inquieto, o desejo de posse da pessoa amada, a suspeita ou a certeza de sua infidelidade, fazem nascer em alguém; zelos. 2. Emulação, competição, rivalidade. 3. Despeito invejoso; inveja. 4. Receio de perder alguma coisa; cuidado, zelo (FERREIRA, s.d., p.333).

O ciúme ainda pode ser definido como “Estado emocional caracterizado pela ansiedade, sentimento de amor e desejo de obter a segurança e a ternura que uma segunda pessoa demonstra a uma terceira.” (DICIONÁRIO DE PSICOLOGIA, 1978, p.53).

Dentro da psicanálise Sigmund Freud destaca o ciúme em níveis: o competitivo ou o normal, o projetado e o delirante.

No primeiro nível o ciúme além de se compor do medo de perder a pessoa amada, compõe-se também da ferida narcísica, na medida em que esta é bem distinguível da outra ferida, de sentimentos de inimizade contra o rival e de uma maior ou menor quantidade de autocrítica, que procura responsabilizar por sua perda o próprio ego do sujeito. Vale ressaltar que o ciúme normal pode ser vivenciado de forma bissexual. Mais especificamente, um homem pode não apenas sofrer devido ao amor que sente pela sua mulher, mas também nutrirá ódio pelo homem, seu rival. Por outro lado, poderá sentir pesar pelo homem, a quem ama inconscientemente, e odiar a sua mulher, pois irá considerá-la como uma rival.

O segundo grau de ciúme é o projetado. Significa que tendemos a projetar nossos próprios impulsos relacionados à infidelidade no nosso parceiro a quem, muitas vezes, juramos fidelidade, ou seja, apresenta-se tanto em homens quanto em mulheres, de sua própria infidelidade na vida real ou de impulsos à infidelidade que

foram reprimidos por algum fator. Este tipo de ciúme acaba funcionando como uma válvula de escape, pois cotidianamente a fidelidade do indivíduo pode vir a ser tentada, e ele pode vir a sucumbir, seja de forma concreta ou pelos impulsos reprimidos. Logo, torna-se cômodo fazer uso do material perceptivo para revelar os mesmos tipos de impulso no companheiro; desta forma o indivíduo pode se justificar com a reflexão de que o outro não é melhor que ele próprio.

O terceiro é o ciúme delirante, classificado como paranoia. É o tipo mais forte, geralmente patológico, em que o ciumento transforma a relação dual em triangular, onde o amado passa a ser objeto de ressentimento, de frustrações atuais ou do passado. O ciumento se sente muito enganado, abandonado, e começa a criar uma realidade cheia de histórias e mentiras. Passa a acreditar nessas histórias e começa a contra-atacar, a reagir. As formas de contra-ataque podem ser das mais brandas até as mais violentas. O ciumento vai envolvendo o amado nas suas histórias, confundindo-o, criando pseudoprovas (interpretações delirantes). As pessoas que sofrem de ciúme delirante não conseguem encarar nada em outras pessoas como indiferente e tomam indicações insignificantes que essas outras pessoas lhes apresentam e as utilizam em seus delírios de referência. No terceiro nível de ciúme podem-se encontrar alguns casos em que o indivíduo também sofre de ciúme projetado, pois a pessoa começa a tomar coisas insignificantes como infidelidades e as amplifica de tal modo que ele se torna totalmente consciente das “infidelidades” do companheiro e faz com que seus próprios impulsos à infidelidade se tornem inconscientes.

O ciúme, embora possa prejudicar a vida a dois, é uma manifestação do ser humano, que não prejudica necessariamente a quem o sente e nem ao objeto de desejo. É, no entanto, em todo caso, um sofrimento e pesar que se dá pela ideia de perder o objeto de desejo. Mas justamente por ele ser sempre presente, psicanaliticamente falando, se alguém parece não sentir ciúme, justifica-se a inferência de que ele experimentou severa repressão e, conseqüentemente, desempenha um papel ainda maior em sua vida mental inconsciente.

O ciúme guarda um outro aspecto interessante para a psicanálise: ele não é apenas uma penosa reação a uma frustração, caso fosse, se poderia esperar que fosse expulso quando possível, mas na realidade apresenta a característica oposta:

uma tendência a interferir e a converter-se em obsessão. Os pensamentos conscientes que caracterizam o ciúme servem para reprimir outra coisa. Muitas vezes o caráter obsessivo do ciúme traz à pessoa a recordação de uma situação similar, uma situação na qual ela já tenha vivenciado a experiência do ciúme de uma maneira amarga, e que foi reprimida. Manter no primeiro plano da consciência uma humilhação atual ajuda a manter em segundo plano a humilhação anterior¹.

Em suas colocações sobre o ciúme, Freud (1922/1996) o considerou como um daqueles estados emocionais normais, semelhante ao sentimento de luto, descrevendo-o como composto de pesar, de sofrimento de inimizade contra o rival bem-sucedido e de maior ou menor quantidade de autocrítica, na medida em que o ciumento responsabiliza-se pela perda do objeto amado. Mas, por outro lado,

Embora possamos chamá-lo de 'normal', o ciúme não é, em absoluto, completamente racional, isto é, derivado da situação real, proporcionado as circunstâncias reais e sob controle do ego consciente; isso por achar-se profundamente enraizado no inconsciente, ser uma continuação das primeiras manifestações da vida emocional da criança e originar-se no Complexo de Édipo ou de irmão-irmã do primeiro período sexual. Além do mais, é digno de nota que, em certas pessoas, ele é experimentado bissexualmente, isto é, um homem não apenas sofrerá pela mulher que ama e odiará o homem seu rival, mas também sentirá pesar pelo homem a quem ama inconscientemente, e ódio pela mulher, como sua rival (FREUD, 1976, p. 20).

Então, pode-se observar que, não devemos analisar o ciúme de modo simplista, pois quando o homem desconfia da mulher, ele pode não estar só sentido o pesar pelo medo de perder a pessoa amada, mas também estar sentindo o mesmo pesar pelo homem e tendo a mulher como sua rival. De alguma maneira, essa seria

¹ Na psicanálise, é possível considerar um fundamento de todos os ciúmes: o Complexo de Édipo. Nele o menino ama sua mãe e deseja tê-la só para ele, se irrita contra o pai que é o principal obstáculo de seus desejos absolutistas e, como consequência de seu ciúme e de sua irritação, experimenta em direção ao pai impulsos hostis e agressivos. (FENICHEL, 1996) Se considerarmos essa perspectiva, teremos de conceber o ciúme como fenômeno universal, já que o Complexo de Édipo seria, para Freud, uma experiência pela qual todos já passaram.

uma forma de o homem tentar livrar-se da sua homossexualidade, que nem ele nem os seus aceitam, através da projeção. (CIÚME: UMA REFLEXÃO SOBRE O NORMAL E O PATOLÓGICO; NICOLAU, REIS, Alessandra Cris; acessado no dia 15/10/2012)

Como já vimos, o ciúme é um sentimento que faz parte do cotidiano e pode ser facilmente caracterizado. Até determinado ponto o ciúme é considerado algo normal e passageiro que não afeta quem o sente e nem o parceiro, mas o ciúme exacerbado, que também pode ser percebido no cotidiano, pode vir a se transformar em uma “doença” fazendo com que apareçam vários sentimentos desproporcionais ligados ao medo de perder a pessoa amada. Esse tipo de ciúme que afeta negativamente a vida cotidiana das pessoas é considerado pela psicanálise como patológico.

De acordo com Cavalcante, o ciúme patológico consiste em:

...uma perturbação total, um transtorno afetivo grave. O ciumento sofre em seu amor: em sua confiança, em sua tranquilidade, em seu amor próprio, em seu espírito de dominação e em seu espírito de posse. O ciúme corrói-lhe o sentimento em sua base e destrói, com uma raiva furiosa, suas próprias raízes. Propicia a invasão da dúvida que perturba a alma, fazendo com que ame e odeie ao mesmo tempo, a pessoa objeto de sua afeição. O maior sofrimento do ciumento é a incerteza em que vive, pela impossibilidade de saber, com segurança, se o(a) parceiro(a) o engana ou não (CAVALCANTE, 1997, p. 24).

Ainda de acordo com Cavalcante, o ciúme patológico é um transtorno afetivo grave, que corrói e destrói o relacionamento e os sentimentos; é uma perturbação em que o indivíduo se sente constantemente ameaçado (CAVALCANTE, 1997). No processo de ciúme patológico, diversas emoções, pensamentos irracionais, dúvidas, ideias obsessivas e comportamentos bizarros são experimentados. O indivíduo que sofre do problema fica perturbado por sentimentos de raiva, culpa, ansiedade, depressão, insegurança, rejeição, angústia, e isso acaba fazendo com que ele seja prejudicado em todos os outros meios sociais de que ele seja participante.

Pode-se dizer ainda que o ciúme patológico é um medo, muitas vezes, infundado e exacerbado de perda do objeto de desejo para um terceiro (o rival). Podendo-se até se fazer uma relação com transtorno obsessivo compulsivo², devido aos rituais de verificação por meio dos quais o indivíduo verifica os objetos pessoais do companheiro, tenta comprovar se a pessoa estava realmente onde mencionou e com quem estava, verificando as roupas à procura de bilhetes ou alguma pista, tudo isto como forma de tentar diminuir a ansiedade causada pela insegurança e o medo de perda. Entretanto, mesmo quando estes rituais são atendidos, o ciúme não diminui e a insegurança permanece. A pessoa torna-se obcecada por descobrir algo ou provar que tem motivos para sentir ciúme, tentando reduzir a sensação de ansiedade e angústia. (CIÚME: UMA REFLEXÃO SOBRE O NORMAL E O PATOLÓGICO; NICOLAU, Alessandra Cris Reis; acessado no dia 15/10/2012)

Embora a psicanálise seja uma importante ferramenta de abordagem para a compreensão do ciúme, não podemos descartar outras formas de abordar o assunto. O ciúme é um sentimento complexo e que se destaca tanto na música como na literatura. Grandes autores escreveram clássicos que têm o ciúme como tema central; entre esses grandes autores encontram-se nomes como: Willian Shakespeare, Machado de Assis e Nelson Rodrigues. Mas nesse trabalho será feita uma observação do ciúme através de músicas do cancioneiro popular brasileiro.

Existem diversas formas de expressar os sentimentos. Uma delas é a música. A música é uma forma eficaz de pôr para fora o que se sente e o que se pensa. Dentre estes sentimentos o ciúme é muito marcado por ser um sentimento intrigante e complexo de se entender. Podem-se encontrar muitas músicas relacionadas ao ciúme dentro do cancioneiro popular brasileiro, em algumas, o que se observa é um ciúme com características consideradas naturais, mas em outras ficam marcadas algumas características patológicas dele.

Na música popular brasileira o ciúme tem uma presença marcante. Desde o chamado Brega “Não se Vá”, de Jane e Herondi (*Não se vá, o seu ciúme é o*

² Transtorno Obsessivo Compulsivo: O transtorno obsessivo-compulsivo (TOC) é caracterizado pela presença de obsessões e compulsões. (Gonzalez, Christina Hajaj, Rev. Bras. Psiquiatr. vol.21 s.2 São Paulo Oct. 1999)

culpado dessa minha desventura (...) é o ciúme que está nos separando pouco a pouco) até o clássico *Nervos de Aço*, de Lupicínio Rodrigues (*Você sabe o que é ter um amor, meu senhor? Ter loucura por uma mulher... E depois encontrar esse amor, meu senhor, nos braços de um outro qualquer...*). Chico Buarque compôs *Olhos nos Olhos* onde o ciúme é explícito (*Quando você me deixou, meu bem, me disse pra ser feliz e passar bem. Quis morrer de ciúme, quase enlouqueci, mas depois, como era de costume, obedeci*). E Caetano Veloso, outro gênio da MPB, compôs uma música que se chama justamente *O Ciúme* (*Mas, na voz que canta, tudo ainda arde, tudo é perda, tudo quer buscar, cadê. Tanta gente canta, tanta gente cala. Tantas almas esticadas no curtume, Sobre toda estrada, sobre toda sala paira, monstruosa, a sombra do ciúme*).³

E é justamente o ciúme no cancionário que será o foco deste trabalho, tendo como ferramenta teórica principal a psicanálise, mas sem limitar a análise a ela, para que, então, o ciúme possa aparecer de forma mais clara com sua amplitude e riqueza.

3 – CIÚME É SÓ VAIDADE

³ As reproduções de trechos de letras de música foram retiradas do portal Terra, situado em www.lettras.mus.br, dedicado à música.

De acordo com o que foi visto no capítulo anterior, o ciúme é um sentimento normal que, até certo ponto, não prejudica nem o indivíduo ciumento nem seu objeto de desejo. Mesmo assim vale perguntar se realmente o ciúme se dá só pelo zelo ou só pelo medo da perda? Até que ponto a auto-estima do indivíduo não está acima do amor e da vontade de cuidar que supostamente ele sente?

Nas pessoas que são dominadas pelo ciúme fica explícita uma incapacidade de dar total autonomia ao objeto de ciúme, de dar total liberdade a ele. Caberia a nós considerar agora se é possível dizer que esse indivíduo ciumento é capaz de amar, já que nos parece, a princípio, estranho a conciliação entre amor e controle ou posse. O amor seria um sentimento baseado na confiança e no respeito. Logo, um indivíduo dominado pelo ciúme mostra uma falta de confiança e de respeito pela pessoa amada. Nesse sentido, ele não a amaria mesmo com relação ao ciúme dito como ocasional, aquele que aparece em situações específicas. Ainda que ele possa corresponder à intensidade dos sentimentos amorosos, os indivíduos que são dominados por ele mostram sua incapacidade de respeitar e confiar, logo de amar. Eles acabam mostrando uma não autenticidade no seu amor, pois nas suas relações fica claro não deixar o outro ser o que é, mas prender o outro no que se espera dele, ou seja, o outro se insere numa necessidade narcisista. As pessoas que, para se manterem equilibradas psiquicamente, necessitam dessa sensação narcisista de serem amadas incondicionalmente e acima de qualquer coisa, muitas vezes sufocando seus parceiros, são pessoas que revelam uma forte tendência homossexual e a forma que encontram de repelir essa tendência, quando elas mesmas não suportam verem-se como homossexuais, seria o ciúme desenfreado. (FENICHEL, 1996)

O ciúme diminui muito em intensidade, quiçá desapareça, onde a gratificação, o respeito e o amor são mais intensos. Os indivíduos dominados pelo ciúme se encontram até mesmo em contradição, pois são eles que, frequentemente e com certa facilidade, mudam seus objetos de desejo, e sentem ciúme, inclusive, de objetos que não são de seu interesse de uma forma especial, até que uma situação estranha o revele como desejáveis ou como necessários para a autoestima. (FENICHEL, 1996)

Aristóteles, no século IV A.C., concebia o ciúme como o desejo de se ter o que outra pessoa possui (Aristóteles, 2001). Era originariamente uma palavra boa e referia-se ao desejo de imitar uma coisa nobre da outra pessoa. Nesta acepção, o filósofo pensava o ciúme em termos de uma nobre 'inveja'. Já Salomão no século X a.C. advertia: “Põe-me como selo sobre o teu coração, como selo sobre o teu braço, porque o amor é forte como a morte, e duro como a sepultura, o ciúme; as suas brasas de fogo, são veemente labaredas.” (BIBLIA SAGRADA, cantares de Salomão). Treze séculos depois, portanto no séc. XVII, o autor de epigramas, escritor clássico e moralista francês François de la Rochefoucauld reconhecia no ciúme uma tendência egocêntrica ao dizer: "No ciúme, há mais amor-próprio do que amor". O autor ainda identificava o amor como substrato para a gênese do ciúme: "O ciúme nasce sempre com o amor, mas nem sempre morre com ele" (ALMEIDA, de Thiago; Ciúme romântico: um breve histórico, concepções correlatas e seus desdobramentos para os relacionamentos amorosos). No século XIX, na Alemanha, o ciúme, era interpretado por Freud como um estado emocional: “O ciúme é um daqueles estados emocionais, como o luto, que podem ser descritos como normais” (Freud, 1922/1976; p 271).

A relação de ciúme que existe na sociedade ocidental é baseada na posse. Essa relação pode ser compreendida historicamente, pois ao se observar a formação da sociedade ocidental desde o início, vê-se a propriedade privada como base para outras construções sociais, como o casamento. Em nossa sociedade, o considerado normal é a relação monogâmica, na qual o parceiro detém a total exclusividade do outro. Se olharmos outras sociedades podemos ver que o ciúme não precisa se basear exclusivamente na posse, pois nem sempre há um domínio sobre o parceiro, até porque, em outras sociedades a formação da concepção de família pode se dar de forma completamente diferente. Por exemplo, podemos observar a forma de família de algumas tribos indígenas americanas. Nessas tribos não há essa relação de família onde os papéis de pai, mãe e filhos são perfeitamente definidos, muito pelo contrário, por se tratar de sociedades poligâmicas as crianças são filhas da sociedade, todos são os pais e todas são as mães. Esse tipo de família foi modificado até se chegar aos modelos de família que conhecemos hoje. (ENGELS, Friedrich; 1984; 20 a 29p)

O que nos cabe ressaltar aqui é o modo peculiar do ciúme em nossa sociedade, mas sem atribuir um caráter geral a ele, como se fosse algo de alguma suposta “natureza humana”. Por conta disso, fica clara a necessidade de um veículo para mostrar esse ciúme que o inscreva no contexto que ora investigamos. Esse veículo é a música popular brasileira e o contexto é a nossa sociedade.

Fizemos a ligação entre ciúme e narcisismo anteriormente, agora vamos exemplificá-la com uma canção:

A MAÇÃ

*Se esse amor
Ficar entre nós dois
Vai ser tão pobre amor
Vai se gastar...*

*Se eu te amo e tu me amas
Um amor a dois profana
O amor de todos os mortais
Porque quem gosta de maçã
Irá gostar de todas
Porque todas são iguais...*

*Se eu te amo e tu me amas
E outro vem quando tu chamas
Como poderei te condenar
Infinita tua beleza
Como podes ficar presa
Que nem santa num altar...*

*Quando eu te escolhi
Para morar junto de mim
Eu quis ser tua alma
Ter seu corpo, tudo enfim
Mas compreendi
Que além de dois existem mais...*

*Amor só dura em liberdade
O ciúme é só vaidade
Sofro, mas eu vou te libertar
O que é que eu quero
Se eu te privo do que eu mais venero
Que é a beleza de deitar... (SEIXAS, COELHO, & MOTTA1975).*

Ao analisar-se essa música pode-se observar uma declaração do autor para a pessoa amada, mas não é uma declaração de amor “padrão”, essa seria uma declaração “anticíume”:

*“Se esse amor
Ficar entre nós dois
Vai ser tão pobre amor
Vai se gastar”*

Nesse trecho o autor está explicitando o amor que ele sente pela sua companheira, mas nesse caso ele afirma um empobrecimento do amor, caso ele fique preso aos dois. Seria uma forma de ele dizer que este sentimento é tão belo e puro que têm de ser dividido com o mundo, tem de ser compartilhado com outras pessoas. Esta seria uma forma do autor fazer uma crítica a essa concepção de relacionamento da sociedade ocidental, pois se o amor for vivenciado dessa forma, uma forma egoísta que se prende só a dois, ela irá se desgastar e, provavelmente, acabar.

*“Se eu te amo e tu me amas
Um amor a dois profana
O amor de todos os mortais
Porque quem gosta de maçã
Irá gostar de todas
Porque todas são iguais”*

Nessa parte o autor continua com suas explicações: “Se eu te amo e tu me amas/Um amor a dois profana”. Aqui é permitido inferir que seria absurdo eles terem esse amor só para eles, seria uma forma de eles estarem se corrompendo ao dedicarem esse amor somente um para o outro. Ele ainda continua, “O amor de todos os mortais/Porque quem gosta de maçã irá gostar de todas/Porque todas são iguais”. Aqui é feita uma analogia, o autor compara os seres humanos a maçãs para ratificar o que ele havia dito sobre deixar como exclusividade de uma única pessoa o amor. Ele diz que quem gosta de maçãs não gosta de uma especificamente, mas sim de todas, pois elas são iguais. Logo, subentende-se que o amor que ele sente pela sua companheira deve ser compartilhado com outras pessoas, pois as pessoas são iguais.

*“Se eu te amo e tu me amas
E outro vem quando tu chamas
Como poderei te condenar
Infinita tua beleza
Como podes ficar presa
Que nem santa num altar”*

Aqui ele continua dizendo que ele não pode condená-la por ela estar com outros homens, pois ela é muito bela e não poderia ficar presa exclusivamente a ele

como um objeto de uso pessoal, ele dá liberdade para que ela faça escolhas e seja livre.

*“Quando eu te escolhi
Para morar junto de mim
Eu quis ser tua alma
Ter seu corpo, tudo enfim
Mas compreendi
Que além de dois existem mais”*

É justamente nesta parte que a tensão da liberdade anunciada anteriormente se contrasta com a atitude mais comum e que é, também, a do eu lírico, do sujeito inicialmente, o sentimento possessivo e narcisista, pois ele diz: “Eu quis ser tua alma/Ter seu corpo, tudo enfim”, mas ao mesmo tempo que admite, o sujeito também reconhece que ele não poderia tê-la dessa forma, pois existiam mais pessoas além deles e que ela poderia ser livre para estar com quem ela quisesse. Nesse sentido, o deixa-la livre é uma exigência da própria relação, não é uma conduta teórica anterior ao relacionamento. Para que o amor acontecesse entre os dois, seria necessário que ele compreendesse “Que além de dois existem mais”. Isso é essencial, pois revela uma atenção por parte do autor para os caminhos do relacionamento. Ele se faz como construção, não como enquadramento em uma concepção moral anterior.

*“Amor só dura em liberdade
O ciúme é só vaidade
Sofro, mas eu vou te libertar
O que é que eu quero
Se eu te privo do que eu mais venero
Que é a beleza de deitar”*

Nesta última parte o autor reafirma o que ele vem dizendo durante toda a música: “O amor só dura em liberdade/O ciúme é só vaidade”. Ele reconhece que para que haja um amor duradouro tem que haver liberdade e que o ciúme dele, baseado na posse e no desejo de exclusividade, é pura vaidade e que, na verdade, seria somente o seu narcisismo dizendo que ela teria de ser unicamente dele. Ele ainda faz outra consideração muito interessante ao dizer: “Sofro, mas vou te libertar/O que é que eu quero/Se te privo do que mais venero/Que é a beleza de deitar”. Aqui ele admite sofrer, mas o interessante é que ele dá a liberdade para que ela possa buscar outras relações sexuais, pois esse tipo de relação é o que ele mais

venera e logo não há sentido em privá-la dessa liberdade e, conseqüentemente, não há porque os dois se dedicarem exclusivamente um ao outro tendo o desejo de estar com outras pessoas. Sabemos que uma relação libertária é raríssima em nossa sociedade ocidental. A música, nesse sentido, se mostra uma grande exceção e, por conta disso, um contra-exemplo interessante para confrontar com nossa relação possessiva e narcisista do outro.

Há também outras músicas dentro do cancionário que irão retratar o ciúme:

DE TODAS AS MANEIRAS

*De todas as maneiras que há de amar
Nós já nos amamos
Com todas as palavras feitas pra sangrar
Já nos cortamos
Agora já passa da hora, tá lindo lá fora
Larga a minha mão, solta as unhas do meu coração
Que ele está apressado
E desanda a bater desvairado
Quando entra o verão*

*De todas as maneiras que há de amar
Já nos machucamos
Com todas as palavras feitas pra humilhar
Nos afagamos
Agora já passa da hora, tá lindo lá fora
Larga a minha mão, solta as unhas do meu coração
Que ele está apressado
E desanda a bater desvairado
Quando entra o verão. (HOLANDA, 1967/1986)*

Essa música também irá abordar o desgaste do amor devido à posse:

*“De todas as maneiras que há de amar
Nós já nos amamos
Com todas as palavras feitas pra sangrar
Já nos cortamos
Agora já passa da hora, tá lindo lá fora
Larga a minha mão, solta as unhas do meu coração
Que ele está apressado
E desanda a bater desvairado
Quando entra o verão”*

Esta música terá como tema a insaciabilidade. O sujeito do discurso mostra que já praticou todas as formas de amor com a outra pessoa e que não só por amor, mas que o tempo deles juntos foi marcado também por todo o tipo de discussões e

palavras duras: “De todas as maneiras que há de amar, nós já nos amamos/Com todas as palavras feitas pra sangrar, já nos cortamos”. E ele prossegue: “Agora já passa da hora, tá lindo lá fora/Larga minha mão, solta as unhas do meu coração/Que ele está apressado/E desanda a bater desvairado/Quando entra o verão”. Neste trecho já podemos observar mais algumas coisas, como por exemplo, a relação de posse existente e também o desgaste do amor devido ao tempo, pois ele diz: “Agora já passa da hora, tá lindo lá fora”. Essa afirmativa dá o entendimento de que o sujeito está liberando a pessoa para vivenciar outros amores, pois o que eles tinham que viver já passou. Também se pode observar que o sujeito libera a outra pessoa por si próprio, pois é dado a entender que ele também quer vivenciar outros amores: “[...] solta as unhas do meu coração/Que ele está apressado/E desanda a bater desvairado/Quando chega o verão”.

*“De todas as maneiras que há de amar
Já nos machucamos
Com todas as palavras feitas pra humilhar
Nos afagamos”*

Neste trecho o sujeito ainda continua a evidenciar que eles tiveram momentos de discussões e desentendimento: “Com todas as palavras feitas pra humilhar/Nos afagamos”. Mas o que se torna mais interessante nessa parte são os dois primeiros versos: “De todas as maneiras que há de amar/Já nos machucamos”. Esse pedaço se torna incrível, pois aqui o sujeito vai reafirmar, de uma maneira até mesmo contraditória, que devido ao fato de o tempo deles juntos já ter passado, até mesmo o amor passa a machucar os dois. É como se o autor dissesse que não adianta mais eles quererem forçar as coisas, pois o tempo passou e o que tinha que ser já foi. Logo, se eles forçassem uma situação eles iriam continuar se machucando.

Para falarmos da próxima letra que analisaremos, primeiramente é necessário que entendamos o contexto no qual ela se insere. Ela faz parte da obra de Chico Buarque e foi gravada para uma das peças de Nelson Rodrigues, “Perdoa-me por me traíres”. Em resumo a peça fala de um casal que têm um relacionamento complicado, pois o homem é extremamente ciumento e controla a vida de sua parceira. Em determinado momento a mulher trai o homem, mas em vez de se revoltar o homem compreende que ela o havia traído por causa dele mesmo, pois

ele a sufocava, e então, ele se vira para ela e diz: “Perdoa-me por me traíres”, mas na peça não há uma resposta por parte da mulher, ela somente fica espantada com aquela situação e diz que ele está louco. Mas depois, Chico Buarque irá compor a resposta da mulher, e foi então que surgiu a música “Mil Perdões”.

MIL PERDÕES

*Te perdôo
Por fazeres mil perguntas
Que em vidas que andam juntas
Ninguém faz
Te perdôo
Por pedires perdão
Por me amares demais*

*Te perdôo
Te perdôo por ligares
Pra todos os lugares
De onde eu vim
Te perdôo
Por ergueres a mão
Por bateres em mim*

*Te perdôo
Quando anseio pelo instante de sair
E rodar exuberante
E me perder de ti
Te perdôo
Por queres me ver
Aprendendo a mentir*

*Te perdôo
Por contares minhas horas
Nas minhas demoras por aí
Te perdôo
Te perdôo porque choras
Quando eu choro de rir. Te perdôo
Por te trair. (HOLANDA, 1983)*

É possível perceber que na música é descrito um relacionamento conturbado, pois um dos cônjuges é extremamente ciumento e controlador, chegando até mesmo a algumas atitudes inaceitáveis, como por exemplo, a agressão física. Vale ressaltar que dentro da psicanálise esse seria um tipo de ciúme patológico, pois uma das partes não sabe lidar com o ciúme e acaba por tornar completamente prejudicial e destrutivo o relacionamento.

*“Te perdôo
Por fazeres mil perguntas
Que em vidas que andam juntas
Ninguém faz
Te perdôo
Por pedires perdão
Por me amares demais”*

Neste primeiro trecho já é possível observar características de posse, descritas pelo sujeito: “Te perdoo/Por fazeres mil perguntas/Que em vidas que andam juntas/Ninguém faz”. Aqui se observa que o sujeito aponta uma contradição, pois o indivíduo ciumento faz perguntas que demonstram que ele não confia o suficiente no seu cônjuge a quem ele supostamente ama, e essas perguntas são perguntas que não deveriam ser feitas em um relacionamento onde há o respeito, a confiança e o amor. E ele prossegue: “Te perdoo/Por pedires perdão/Por me amares demais”. Aqui novamente percebe-se a contradição, pois o sujeito está perdooando o indivíduo ciumento por pedir perdão; isso demonstra que o indivíduo ciumento se arrepende de sua desconfiança demasiada e enxerga que essa não é uma postura cabível em um relacionamento. Outro ponto interessante é que o sujeito também irá perdoar o indivíduo ciumento por amá-lo demais. Aqui é permitido questionar esse amor “em demasia”: essas atitudes são de uma pessoa que realmente ama ou são de uma pessoa que tem uma necessidade narcisista de posse do outro?

*“Te perdôo
Te perdôo por ligares
Pra todos os lugares
De onde eu vim
Te perdôo
Por ergueres a mão
Por bateres em mim”*

Aqui o sujeito continua a descrever as atitudes extremamente possessivas e inaceitáveis de seu cônjuge: “Te perdoo por ligares/Pra todos os lugares/De onde eu vim”. Essa atitude demonstra que o indivíduo ciumento é extremamente possessivo e o quanto ele não confia no seu parceiro. Agora é possível observar umas das principais características que irão comprovar esse ciumento patológico, pois nesse trecho o sujeito descreve um momento em que ele irá sofrer uma agressão física por parte do indivíduo ciumento: “Te perdoo/Por ergueres a mão/Por bateres em mim”. Esse tipo de atitude é um perfeito exemplo de atitudes que são inaceitáveis em um

relacionamento conjugal e é um tipo de atitude inaceitável onde há a confiança e o respeito.

*“Te perdoo
Quando anseio pelo instante de sair
E rodar exuberante
E me perder de ti
Te perdôo
Por queres me ver
Aprendendo a mentir”*

Esse trecho continuará a demonstrar o caráter extremamente possessivo do indivíduo ciumento, pois aqui é possível perceber que é necessário que o sujeito se perca dele, ou seja, o engane para que ele possa sair para se divertir: “Te perdôo/Quando anseio pelo instante de sair/E rodar exuberante/E me perder de ti”. Também iremos perceber que o indivíduo ciumento é tão possessivo que é necessário que o sujeito minta para ele, a fim de que ele possa manter-se tranqüilo: “Te perdôo/Por queres me ver/Aprendendo a mentir”. É interessante que o sujeito transfere a responsabilidade de sua mentira para o próprio indivíduo ciumento, e com isso é possível entender que na verdade o sujeito não gostaria de estar mentindo, mas devido ao excessivo ciúme a mentira se faz necessária.

*“Te perdôo
Por contares minhas horas
Nas minhas demoras por aí
Te perdôo
Te perdôo porque choras
Quando eu choro de rir. Te perdôo
Por te trair”*

No último trecho o sujeito continuará descrevendo as características possessivas de seu parceiro: “Te perdôo/Por contares minhas horas/Nas minhas demoras por aí”. É possível ver que o indivíduo ciumento estipula tempo para o sujeito e caso ele passe da hora já é suscitada uma extrema desconfiança no indivíduo ciumento. Mas uma das coisas mais interessantes desta estrofe está nos próximos versos, pois ele irá dizer: “Te perdôo porque choras/Quando eu choro de rir”. Essa atitude descrita pelo sujeito revela o sentimento narcisista do indivíduo ciumento, pois ele não se alegra junto com seu cônjuge, muito pelo contrário, ele se entristece com a alegria do sujeito. E no último verso irá acontecer a resposta do sujeito: “Te perdôo por te trair”. Esse é um verso muito intrigante, mas que é possível ser entendido pelo o que ocorre durante a música. Aqui o sujeito transfere

a culpa da sua traição para o indivíduo ciumento, pois pelo que é dado a entender é como se ele não quisesse traí-lo, mas as atitudes dele o levaram a isso.

Toda a força emocional causada pelo ciúme aparece, como vimos, e atitudes e na modificação do comportamento. Notamos, assim, que o ciúme afeta o comportamento e o corpo. A próxima música trata justamente das modificações do ciúme no corpo de quem o sente.

DOR DE COTOVELO

*O ciúme dói nos cotovelos,
na raiz dos cabelos,
gela a sola dos pés.*

*Faz os músculos ficarem moles,
e o estômago vão e sem fome.
Dói da flor da pele ao pó do osso.
Rói do cóccix até o pescoço
Acende uma luz branca em seu umbigo,
Você ama o inimigo e se torna inimigo do amor.
O ciúme dói do leito à margem,
dói pra fora na paisagem,
arde ao sol do fim do dia.*

*Corre pelas veias na ramagem,
atravessa a voz e a melodia. (VELOSO, 2002)*

É muito interessante observar que o autor vai descrevendo toda a estrutura corporal humana, desde órgãos superficiais até aos vitais. Isso mostra o desequilíbrio causado pelo ciúme.

*Você ama o inimigo e se torna inimigo do amor.
O ciúme dói do leito à margem,
dói pra fora na paisagem,
arde ao sol do fim do dia.*

Nesse próximo trecho vale observar o quão desequilibrada emocionalmente fica uma pessoa tomada pelo ciúme e que há uma impossibilidade de haver amor e ciúme demasiado em um relacionamento, pois ele diz: “Você ama o inimigo e se torna inimigo do amor”. Podemos ver que o desequilíbrio reside na atenção exagerada em um possível terceiro na relação. Seja o outro real ou fictício, ele pode paradoxalmente ganhar mais atenção que o próprio parceiro. Desse modo, há um distanciamento entre o amor e o ciúme, pois enquanto há o ciúme o amor se torna o “inimigo” do sujeito na música.

Até agora tivemos exemplos de músicas em que o ciumento aparece como aquele que precisa mudar seu comportamento para que o amor aconteça, para que o amor dê certo. Agora veremos uma em que há uma defesa do ciúme por parte do sujeito que, neste caso, é o ciumento.

CIÚME

*Tenho razão
Em proceder assim
De vez em quando reclamando de quem anda com você
Há coisas que eu nem posso ver
Como esse telefone azucrinando
Só chamando por você
Esses seus parentes que lhe beijam tanto assim
E esses seus amigos que só falam mal de mim
Se eu zango
Você pega a rir
Argumentando que eu já estou ficando com ciúme de você
Ciúme eu não tenho não
O que eu quero é respeito
Dá um jeito senão eu paro com você. (LYRA, Carlos; Ano:
desconhecido)*

O indivíduo ciumento nesta música vê razão no seu proceder para com seu cônjuge, pois ele diz: “Tenho razão/Em proceder assim/De vez em quando reclamando de quem anda com você”. E ele prossegue deixando bem marcado o sentimento de posse que ele tem sobre seu cônjuge: “Há coisas que eu nem posso ver/Como esse telefone azucrinando/Só chamando por você”. Esse trecho mostra o quanto o sentimento de posse mexe com o indivíduo ciumento, pois ele começa a se achar no direito de ter acesso até mesmo ao particular do parceiro, sem conseguir ver que mesmo dentro de um relacionamento cada um tem seu espaço.

*Esses seus parentes que lhe beijam tanto assim
E esses seus amigos que só falam mal de mim
Se eu zango
Você pega a rir
Argumentando que eu já estou ficando com ciúme de você
Ciúme eu não tenho não
O que eu quero é respeito
Dá um jeito senão eu paro com você*

Nessa parte ele demonstra uma clara falta de confiança no seu cônjuge, pois ele chega a desconfiar dos parentes e dos amigos: “Esses seus parentes que lhe beijam tanto assim/E esses seus amigos que só falam mal de mim”. Ele continua se queixando da maneira de como seu cônjuge leva a situação, pois ele não leva a

sério e ri do ciúme do indivíduo ciumento: “Se eu zango/Você pega a
rir/Argumentando que eu já estou ficando com ciúme de você.

*Ciúme eu não tenho não
O que eu quero é respeito
Dá um jeito senão eu paro com você*

Nessa última parte o indivíduo ciumento diz não ter ciúme, o que se torna contraditório devido às atitudes dele no decorrer da música, e “ameaça” seu cônjuge alegando que terminaria a relação caso ele não mudasse a situação, ou seja, o indivíduo ciumento quer que o seu cônjuge se adeque às suas necessidades narcisistas.

4 – CIÚME É O PERFUME DO AMOR

Foi visto no capítulo anterior que o ciúme pode ser prejudicial nos relacionamentos, e que onde há o ciúme o amor fica comprometido. Vale pensar agora, entretanto, no contraponto desta discussão. Até que ponto também a falta de ciúme não é prejudicial ao relacionamento?

De acordo com a definição que foi vista, o ciúme é um zelo e um medo de perder a pessoa amada. Logo, seria um cuidado que um cônjuge tem pelo outro.

Dentro de um relacionamento o ciúme torna-se importante, pois ele faz com que a pessoa que está sendo alvo de ciúme, ou seja, o objeto de desejo do indivíduo ciumento, se sinta valorizada e se sinta até mesmo mais importante. Em muitos casos as pessoas associam a não existência de ciúme à falta de amor. Parando para pensar, essa associação não é irracional, pois se o ciúme é um zelo e um medo de perder a pessoa amada; logo, alguém que não sente ciúme não zela pela pessoa amada e não têm medo de perdê-la. E se pararmos e prestarmos atenção a nossa volta poderemos ver que o ciúme é tão comum ao cotidiano que nós mesmos já podemos ter estado em uma situação em que pensamos que não éramos amados, pois o parceiro não sentia tanto ciúme.

O ciúme também age de forma a levantar a autoestima de algumas pessoas. Não é difícil encontrar pessoas que têm o hábito de provocar ciúme aos seus cônjuges para se sentirem mais valorizadas e amadas.

Dentro do cancionário popular brasileiro são encontradas diversas músicas que mostram o ciúme de maneira diferente e não de uma maneira possessiva com uma necessidade narcisista, por exemplo:

MEU CIÚME

Meu ciúme, desconfia de você

Me machuca quase sempre

O coração

Quer saber aonde é que

Você vai

Quer saber da sua vida

*Toda vez que você sai é sempre assim
Imagino alguém querendo
Te levar de mim
E eu num beco sem saída*

*Meu ciúme conta horas pra te ver
E pergunta quem esteve
Com você.
Quer saber quantas pessoas conheceu,
Como foi seu dia*

*Sua ausência aumenta a imaginação
E o pior é que acredito
Em coisas sem razão
Mas é tudo fantasia
É o meu ciúme*

*Amor carente que me faz enlouquecer
É o meu ciúme
É o meu amor com medo
De perder você*

*Eu te amo, até demais,
O que fazer
Se eu não sei por um minuto
Te esquecer
É tão forte no meu peito
Essa emoção*

*Mas pra gente ser feliz
Eu vou domar meu coração. (SULLIVAN, Michael; 1990)*

Nessa música o sujeito começa dizendo que o ciúme dele desconfia da pessoa amada: “Meu ciúme desconfia de você”. Seria uma tentativa do sujeito de retirar a culpa da desconfiança dele atribuindo-a a seu sentimento como se fosse algo involuntário, sobre o qual ele não tem controle.

*“É sempre assim
Imagino alguém querendo
Te levar de mim
E eu num beco sem saída*

*Meu ciúme conta horas pra te ver
E pergunta quem esteve
Com você.”*

Nesta parte o sujeito deixa claro o medo que ele tem de perder a pessoa amada: “É sempre assim/Imagino alguém querendo te levar de mim”. O sujeito afirma que fica pensando na possibilidade de perder o objeto de desejo, e ele continua: “E eu num beco sem saída/Meu ciúme conta as horas pra te ver/E pergunta quem esteve com você”. Aqui o sujeito novamente transfere a culpa de sua desconfiança para seu ciúme, mostrando que é algo que ele faz sem querer, pois ele ama seu cônjuge.

*”Quer saber quantas pessoas conheceu,
Como foi seu dia*

*Sua ausência aumenta a imaginação
E o pior é que acredito
Em coisas sem razão
Mas é tudo fantasia”*

Nesse trecho o sujeito continua descrevendo que sente ciúme e faz perguntas a pessoa amada: “Quer saber quantas pessoas conheceu/Como foi seu dia”. Ele continua dizendo que o fato de ela não estar presente ao seu lado faz com que ele pense em coisas sem razão e acabe acreditando nessas coisas, mas o sujeito percebe que são coisas que a cabeça dele cria por causa o ciúme que ele está sentindo: “Sua ausência aumenta a imaginação/E o pior é que acredito/Em coisas sem razão/Mas é tudo fantasia”.

É o meu ciúme

Amor carente que me faz enlouquecer

É o meu ciúme

É o meu amor com medo

De perder você

Nessa parte o sujeito volta a dizer que tudo o que ele faz é por causa de seu ciúme, mas aqui ele já dá uma descrição diferente a ele, pois ele fala do ciúme

como um amor carente: “É o meu ciúme/Amor carente que me faz enlouquecer”. E ele continua dizendo que o que ele tem, na verdade, é medo de perder seu objeto de desejo, e não pela sua necessidade narcisista, mas pelo verdadeiro amor que ele sente pela outra pessoa.

*Eu te amo, até demais,
O que fazer
Se eu não sei por um minuto
Te esquecer
É tão forte no meu peito
Essa emoção*

*Mas pra gente ser feliz
Eu vou domar meu coração*

Nesse trecho o sujeito faz uma verdadeira declaração: “Eu te amo até demais/O que fazer/Se eu não sei por um minuto te esquecer”. Aqui fica explícito o amor que ele sente pelo cônjuge. Ele irá continuar admitindo que sente muito ciúme, mas também ele reconhece que esse sentimento em demasiado é prejudicial e ele diz que irá se controlar para que eles possam ser felizes: “É tão forte no meu peito/Essa emoção/Mas pra gente ser feliz/Eu vou domar meu coração”.

Tomemos mais um exemplo de relação de coexistência entre ciúme e amor sem que aquele impeça e bloqueie este:

TENHO CIÚME DE TUDO

*Tu és a criatura mais linda que os meus olhos já viram
Tu tens a boca mais linda que a minha boca beijou
São meus os teus lábios
Estes lábios que os meus desejos mataram
São minhas as tuas mãos
Estas mãos que as minhas mãos afagaram
Sou louco por ti
Eu sofro por ti
Te amo em segredo
Adoro teu porte divino
Que pelas mãos do destino
A mim tu vieste
Tenho ciúme do sol, do luar, do mar*

*Tenho ciúme de tudo
Tenho ciúme até
Da roupa que tu vestes. (DIAS, Orlando; 1997)*

O sujeito irá começar esta música declarando seu amor a seu cônjuge: “Tu és a criatura mais linda que os meus olhos já viram/Tu tens a boca mais linda que minha boca beijou”. Em seguida o sujeito irá mostrar um sentimento de posse pela pessoa amada: “São meus estes teus lábios/Estes lábios que os meus desejos mataram/São minhas as tuas mãos/Estas mãos que as minhas mãos afagaram”.

*“Sou louco por ti
Eu sofro por ti
Te amo em segredo
Adoro teu porte divino
Que pelas mãos do destino
A mim tu vieste”*

Ele irá continuar dizendo que é louco pelo seu objeto de desejo e que ama em segredo e sofre em segredo. Isso mostra que apesar do sentimento de posse ele sabe respeitar a outra pessoa, o que revela um ciúme pacífico.

*“Tenho ciúme do sol, do luar, do mar
Tenho ciúme de tudo
Tenho ciúme até
Da roupa que tu vestes”*

Nessa última parte ele irá admitir, de uma maneira bem romântica que sente ciúme: “Tenho ciúme do sol, do luar, do mar/Tenho ciúme de tudo/ Tenho ciúme até da roupa que tu veste”. Essa é uma forma que ele encontrou de dizer que o ciúme dele se dá porque ele ama muito o cônjuge.

Na próxima música, fica claro que o ciúme se dá em decorrência do amor. Neste caso, porém, é justamente o enciumado que está fora da relação, sentindo ciúmes daquele que efetivamente desfruta dos carinhos de sua amada.

NERVOS DE AÇO

*Você sabe o que é ter um amor, meu senhor?
Ter loucura por uma mulher*

*E depois encontrar esse amor, meu senhor,
Ao lado de um tipo qualquer?*

*Você sabe o que é ter um amor, meu senhor
E por ele quase morrer
E depois encontrá-lo em um braço,
Que nem um pedaço do seu pode ser?*

*Há pessoas de nervos de aço,
Sem sangue nas veias e sem coração,
Mas não sei se passando o que eu passo
Talvez não lhes venha qualquer reação.*

*Eu não sei se o que trago no peito
É ciúme, é despeito, amizade ou horror.
Eu só sei é que quando a vejo*

*Me dá um desejo de morte ou de dor. (RODRIGUES, Lupicínio;
Ano: 1947)*

O sujeito irá iniciar essa música fazendo perguntas a alguém e essas perguntas irão mostrar, a princípio, de maneira indireta que ele ama uma terceira pessoa e que ele não está satisfeito por essa pessoa não estar ao seu lado: “Você sabe o que é ter um amor, meu senhor?/Ter loucura por uma mulher/E depois encontrar esse amor, meu senhor, ao lado de um tipo qualquer”. Esses questionamentos irão mostrar que este ciúme que ele está sentindo é porque ele ama uma mulher com a qual não está em relação e que tem outro como cônjuge.

*“Há pessoas de nervos de aço,
Sem sangue nas veias e sem coração,
Mas não sei se passando o que eu passo
Talvez não lhes venha qualquer reação.”*

O sujeito irá continuar, mas desta vez ele diz algo bem interessante e que irá reafirmar que o ciúme é algo do cotidiano de todas as pessoas, pois ele irá exemplificar citando pessoas frias e até mesmo “sem coração” que aparentemente não se abalam com nada, mas que também ficariam mexidas por causa do ciúme: “Há pessoas de nervos de aço/Sem sangue nas veias e sem coração/Mas não sei se passando o que eu passo/Talvez não lhes venha qualquer reação”

*”Eu não sei se o que trago no peito
É ciúme, é despeito, amizade ou horror.
Eu só sei é que quando a vejo
Me dá um desejo de morte ou de dor”*

Na última parte da música o sujeito irá dizer que não sabe o que ele traz no peito, na tentativa de dizer que não sabe o que sente, mas é uma tentativa de despistar o ciúme que ele está sentindo e também despistar o amor que ele sente por ela e que no momento não está sendo correspondido.

A cotidianidade do ciúme fica ainda mais explícita na próxima música.

AMIGO CIÚME

*Quem nos vê brigar
Quase a nos matar
Há de pensar que esse louco
Não gosta de mim...
Sempre que passeamos
Nunca regressamos
Sempre se dá uma briga
No início ou no fim*

*É que o ciúme
Nosso grande amigo
Ou está com ele
Ou está comigo
Eu já disse a ele
Só não vamos mais brigar
Quando o amigo ciúme
Nos abandonar. (RODRIGUES, Lupicínio; Ano: 1952)*

Essa música é muito interessante já pelo título dela “Amigo ciúme”. Nesse título o ciúme não está sendo visto como algo ruim, muito pelo contrário, ele é chamado de amigo, o que mostra que ele é considerado como algo bom e até mesmo necessário.

*“Quem nos vê brigar
Quase a nos matar
Há de pensar que esse louco*

*Não gosta de mim...
Sempre que passeamos
Nunca regressamos
Sempre se dá uma briga
No início ou no fim”*

O sujeito começa relatando de brigas entre o casal e diz até que as brigas contínuas geram a impressão em outras pessoas de que eles não se gostam: “Quem nos vê brigar/Quase a nos matar/Há de pensar que esse louco não gosta de mim”. E ele continua dizendo que as brigas são constantes e sempre que estão juntos acontece uma.

*”É que o ciúme
Nosso grande amigo
Ou está com ele
Ou está comigo
Eu já disse a ele
Só não vamos mais brigar
Quando o amigo ciúme
Nos abandonar.”*

O sujeito irá continuar admitindo que a relação dos dois é bem marcada pelo ciúme e que as brigas só irão acabar quando o ciúme acabar: “Eu já disse a ele/Só não vamos mais brigar/Quando o amigo ciúme/Nos abandonar”.

Mas o que se torna mais curioso nesta letra é que o ciúme não é relatado como algo ruim e completamente destrutivo, pelo contrário, em todo tempo o sujeito encara o ciúme de forma descontraída. Isso permite inferir que o ciúme não é destrutivo à relação desse casal e que eles se amam apesar das brigas e do ciúme.

A última letra analisada é o melhor exemplo dentre os apresentados de como o ciúme pode ser considerado algo intimamente ligado ao amor a tal ponto que o “perfuma”. Ela mostra, ao mesmo tempo, que é um sentimento forte e que, por isso, exige coragem, pois quem não enfrenta o ciúme não pode ser feliz, pois tem “medo de amar”.

MEDO DE AMAR

Vire essa folha do livro e se esqueça de mim

Finja que o amor acabou e se esqueça de mim

Você não compreendeu que o ciúme é um mal de raiz

E que ter medo de amar não faz ninguém feliz

Agora vá sua vida como você quer

Porém, não se surpreenda se uma outra mulher

Nascer de mim, como do deserto uma flor

E compreender que o ciúme é o perfume do amor. (MORAES, Vinícius; 1954)

Esta é uma canção muito interessante, pois é mostrado que por causa do ciúme o amor entre os dois não foi concretizado, pois inicialmente ele é um “mal de raiz”, ou seja, não há como ele não estar presente. Mas por conta dele e do medo que gera a incerteza do ciúme, tem-se medo de amar. Parece que o amado fugiu, pois não suportava sentir ciúme, não suportava a insegurança. Mas “Ter medo de amar não faz ninguém feliz”. Aí há uma ligação muito forte entre amar e ciúme. Pois, neste caso, amar traz consigo sentir ciúme e ter medo do ciúme acaba sendo ter medo de amar. Sendo assim, ter ciúme é normal, pois ele é um mal, mas é de raiz, e ter medo dele a ponto de fugir acovardado não faz ninguém feliz. O sujeito da canção, uma mulher, permite a liberdade do outro, do covarde, de modo que ele possa viver sua vida “como quer”. Desse ponto surge uma outra possível interpretação da primeira estrofe. Quando ela o adverte para o fato de uma “outra mulher” poder surgir dela, naturalmente uma mulher melhor, “como do deserto uma flor”, ficamos com a impressão de talvez ser ela a ciumenta e tão ciumenta que o outro não suporta e não entende, assim, o ciúme e, em não o entendendo, foge. Por um lado ele não compreende que o ciúme é um mal de raiz, e que ela não pode não sentir ciúme; por outro que ele não vai ser feliz se fugir, se não suportar o ciúme. Ela admite, entretanto, que pode exagerar, pegar pesado, mas que pode crescer e melhorar, ainda que mantendo o ciúme, pois no que ela “nascer do deserto”, ela mostra um possível crescimento, pelo qual ele, o amado, poderia lutar, do qual ele poderia participar, mas que acontece longe dele. Só aí ele poderia perceber que o ciúme é o perfume do amor e que os dois juntos poderiam ter dado nascimento a essa flor do deserto.

A segunda possível interpretação se faz muito interessante, pois ela mostra o final de um relacionamento, ou seja, tem um desfecho ruim, mas ela aponta para a necessidade de lidar com o ciúme, por ele estar sempre presente, e para a convivência salutar e mesmo frutífera com ele, caso ambos sejam fortes para isso e não tenham medo de amar.

CONCLUSÃO

Como foi visto no decorrer de todo o trabalho, o ciúme é um sentimento que está presente no cotidiano de todos e que pode ser tanto prejudicial quanto benéfico. Se o ciúme for algo desenfreado ele será completamente destrutivo, mas em determinada medida ele pode fazer bem ao relacionamento, no sentido de que irá melhorar a autoestima de quem é objeto do ciúme, pois ele teria, com esse sentimento, a certeza de que o outro se importa com ele.

Neste trabalho a música também se mostrou muito eficaz como forma de expressão de sentimentos e como veículo cultural para entendimento da forma de sentir e pensar o ciúme do povo brasileiro.

Concluindo, a análise das músicas se mostrou frutífera para a compreensão do ciúme em nossa sociedade, principalmente porque é algo que alcança a todos, pois o povo brasileiro é sempre lembrado pela sua musicalidade. Logo, ao tratar um assunto que se relacione ao cancioneiro do Brasil, pode-se alcançar uma compreensão abrangente de todos nós.

REFERÊNCIAS

ARISTOTELES. **Da Alma**. Tradução de C. H. Gomes. Lisboa: Edições 70, 2001.

CAVALCANTE, A. M. **O ciúme patológico**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

DORIN, E. **Dicionário de Psicologia; abrangendo terminologia de ciências correlatas**. São Paulo, 1978, 300p.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. 9.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984. 215p.

FENICHEL, Otto. **Teoria psicanalítica de las neuroses**. Buenos Aires: Paidós, 1966.

FREUD, Sigmund. **Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo**. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 18 Rio de Janeiro: Imago, 1976.

NICOLAU, REIS, Alessandra Cris; **CIÚME: UMA REFLEXÃO SOBRE O NORMAL E O PATOLÓGICO**; acessado no dia 15/10/2012.

NETO, Miguel Josino **O CIÚME II**; acessado no dia 15/10/2012